

A singularidade na inclusão: entre o inominável e o excesso de nomes

Mariana Inés Garbarino

É a respeito das formas de emergência do Real e do inominável na inclusão que gostaria de refletir neste trabalho. Será abordada sua irrupção e as concomitantes modalidades de conjuntura que freneticamente tentam preencher qualquer indício incipiente de angústia e enigma, em tempos onde não é possível se angustiar sem risco de cair nas estatísticas nosográficas da depressão. O que é uma criança? Quais são as respostas que a nomeiam? No contexto contemporâneo de pavor diante do inominável, situo duas coordenadas frequentes de obturação: por um lado, a mercado-ciência, ou seja, a confluência do discurso capitalista com o furor produtivo e lucrativo da inovação e das evidências científicas; por outro, as formas de ressonância dessas legalidades traduzidas na formação de professores e no cotidiano escolar.

Diversas pesquisas brasileiras salientam a recorrência de um sentimento de despreparo docente a respeito da educação inclusiva. Na sua agudização colabora o discurso medicalizante da inclusão, sustentado em um prisma prescritivo e gestionário. Matrizada na confluência de tendências mercadológicas e cientificistas, a medicalização obstaculiza o acolhimento e a subjetivação da experiência inclusiva pelo imediatismo da promessa de eficácia de técnicas abstratas, sem história e sem sujeito. Assim, o tecnicismo da formação docente oferece a possibilidade de nominar comportamentos desviantes para os quais o “olhar” acaba se endereçando. Isto favorece, ademais, o apagamento da criança-sujeito pela anteposição de um diagnóstico, como o significante autismo.

Nesse cenário, constatamos a proliferação da oferta de especialização em temáticas que enfatizam uma abordagem neuropsicológica dos impasses educativos, com conteúdos que incluem noções psicopatológicas de diagnósticos. Soma-se a isso à frequente demanda, por parte dos docentes, de um “como fazer” fundamentado cientificamente para defrontar-se com os numerosos transtornos que circulam no âmbito escolar. Em trabalhos anteriores também verificamos o esvaziamento subjetivo do laço professor-aluno pela disseminação do discurso de especialistas da área da saúde no âmbito escolar. Corroboramos as frequentes marcas biologizantes na interpretação do sofrimento psíquico, próprias da lógica da medicalização, tanto na procura de soluções rápidas como na elaboração de pré-diagnósticos escolares (Garbarino, 2020).

A angústia do inominável na inclusão

Dentre os pilares teóricos mais frequentes e conhecidos das pesquisas da psicanálise sobre formação de professores encontra-se a ideia freudiana de que educar, assim como governar e psicanalisar, são profissões impossíveis. Nesse prisma, o impossível da educação, da falta e da castração, são condição do desejo e da implicação do educador que produz “marcas subjetivantes” propiciando a emergência da singularidade (Lajonquière, 2013). O ato educativo, atravessado por processos inconscientes, envolve uma postura ética de saber não-tudo via transmissão da castração. No avesso, o discurso pedagógico hegemônico que se pretende cientificamente balizado, esvazia esse espaço de subjetividade tanto do professor como do aluno (Voltolini, 2012).

A angústia de “lidar” com o impossível do ato educativo é reverberado na educação inclusiva. À luz da topologia do nó borromeano proposta por Lacan pode-se conjecturar que a inclusão redobraría o impossível em um (des)encontro mais próximo com o real. A angústia de castração, constitutiva do sujeito, é o fator comum a todas as angústias, diversas no registro fenomenológico (Soler, 2007). Da sua emergência no (des)encontro com a diferença dos “sujeitos da inclusão”, propagam-se ressonâncias diversas em formações reativas tais como a defesa, o recalque, a superproteção ou a segregação (Fainblum, 2008).

Quando Freud inverte o conceito de angústia, como causa e não como resultado do recalque, faz da angústia o que se pode chamar “o afeto do real”, afeto de um encontro com o real no sentido do impossível de suportar, inassimilável à realidade psíquica, ou seja, na ordem do simbólico (Soler, 2007, p. 147). Por que a angústia pode emergir no marco da inclusão escolar? A deficiência, segundo Júlia Kristeva (2012, p.1) “representa a face moderna do trágico no que nos confronta com a mortalidade (individual e social), que até hoje ainda somos incapazes de pensar”. Dessa dimensão trágica, no entanto, pode advir, segundo a autora, a possibilidade de um encontro com a singularidade irreduzível do ser falante em torno do qual o laço social pode ser reconstruído.

Os sujeitos com NEE evidenciam os valores imperantes de beleza, liderança e produtividade postos em xeque pelos corpos disformes e pelas limitações cognitivas, comunicacionais e sociais (Fainblum, 2008). Realçam ademais, em graus diversos, aqueles indícios de fragilidade humana que atravessam, de forma sutil ou latente, ao sujeito falante: a dependência extrema, o acaso da biologia, a desordem da “lógica” exogâmica e do ciclo vital que designaria a morte dos pais antes que a dos filhos, ou a possibilidade de continuação da genealogia familiar. Conforme Kristeva (1994, p. 177-178), “com Freud o estranho, o

aflitivo, insinua-se na quietude da própria razão (...) irriga o nosso próprio ser-de-palavra, estrangeirado por outras lógicas, incluindo a heterogeneidade da biologia”.

Em tempos onde o que não é medido nem classificado, não existe ou é rotulado como ideológico, a etimologia do termo *Sujeito*, tão caro à psicanálise, nos remete àquilo que está por baixo do que se ejecta, ao fundamento. É portanto algo do enigma que está em jogo. Kristeva (2012) define o inominável da singularidade radical como aquilo que se contrapõe à objetualização que se materializa na inclusão do sujeito como objeto de cuidado. Para a autora, é em torno da singularidade irreduzível, desestimada pelo humanismo moderno coletivizante, que é possível reconstruir um laço social.

O inominável deixa marcas como gesto de resistência diante da abrasadora febre de tudo quantificar, avaliar, controlar e pedagogizar. No seu avesso, a interpelação da psicanálise delinea a presença de um Real estrutural, de um espaço “entre significantes” que definem um sujeito na pausa, no silêncio, na ausência de nomeação. Nesse sentido, segundo Elsa Coriat (2010), na clínica da inclusão costuma faltar o lugar vazio e sobra tecnicismo e informação para preencher o “não-saber” e a incerteza. Esse lugar vazio, que não significa um vazio de lugar, é um espaço esvaziado dos estereótipos e estigmas que circundam os diagnósticos e que acabam obstaculizando um encontro entre o adulto e a criança.

Para Larrosa (2002), a experiência envolve a incerteza e o enigma irreduzível do sujeito, diferentemente do experimento que é paradigma de uma ciência segura, veloz e previsível. Exacerbado, excludente e hegemônico, o discurso cientificista instala, segundo o autor, o paradoxo de que a mais informação e conhecimento objetivo, maior empobrecimento da experiência. Rosa (2013) salienta que o excesso de significado fica atrelado ao caráter absoluto de “verdade” inteira e última, desvanecendo a possibilidade de tramas de sentidos subjetivos. O empobrecimento da experiência inclusiva é, para Lajonquière (2020), fruto da diferença laudada e da obturação do inédito de um encontro para o qual nunca se pode estar bem formado de antemão.

Diversas e conhecidas são as históricas interpretações causais do sucesso e do fracasso escolar. As que apelam a elementos fisiológicos de predisposição hereditária (ter sangue bom, ter cabeça ruim para o estudo), assim como as predestinações culturais deterministas de ser uma criança-problema ou depositária da herança cultural deficitária (tal como na expressão “tal pai, tal filho”) atualmente podem soar politicamente incorretas. Paradoxalmente, a predisposição orgânica ou pré-formada é hoje cientificamente legitimada nos excessos predicativos dos diagnósticos de distúrbios e transtornos que são utilizados como justificativas de atitudes ou comportamentos. Nesse contexto, ganha prestígio o professor que consegue se mostrar “neuroformado” com o linguajar e os modismos dos *experts*. Assim, a

tensão entre o singular e o universal predicativo ressoa na inclusão escolar em uma dinâmica de obturação e preenchimento do não-saber, da experiência e do inédito do encontro, que se materializa na confluência do excesso nominal propagado tanto na formação de professores como nos discursos neuropsiquiátricos.

Referências

CORIAT, E. (2010). Uma psicanalista em Paris, In: JERUSALINSKY, A. (Org.) *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil: um enfoque transdisciplinar*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

FAINBLUM, A. *Discapacidad, una perspectiva clínica desde el psicoanálisis*. Ed. La Nave de los Locos: Buenos Aires, 2008.

GARBARINO, M. I. Mercado-ciência e infância: a psicanálise no debate sobre medicalização e ato educativo. *Estilos Da Clínica*, 25(1), 135-150, 2020.

KRISTEVA, J. A universalidade não seria a nossa própria estranheza? In: _____ *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 177-202, 1994.

KRISTEVA, J. Le tragique et la chance: encore des handicaps. Conférence au Collège des Bernardins, prononcée le 29 mars 2012. Recuperado em http://www.kristeva.fr/le-tragique-et-la-chance.html#_ftnref1

LAJONQUIÈRE, L. A palavra e as condições da educação escolar. *Educação & Realidade*, 38(2), 455-470, 2013.

LAJONQUIÈRE, L. Por uma escola inclusiva ou da necessária subversão do discurso (psico)pedagógico hegemônico. *Revista Política & Sociedade*. v. 19 n. 46, 2020.

LARROSA, B. J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação* [online] n. 19 pp. 20-28, 2002.

ROSA, D. M. Imigração Forçada: a dimensão sócio-política do sofrimento e a transmissão da história. In: Rosa, M. D.; T.T. Carignato, S.L.S. Alencar (Orgs.) *Desejo e política: desafios e perspectivas no campo da imigração e refúgio*. São Paulo: Max Limonad, 2013.

SOLER, C. Declinación de la angustia según las estructuras clínicas y los discursos. In: *Qué se espera del psicoanálisis y del psicoanalista?* Ed. Letra Viva: Buenos Aires, 2007.

VOLTOLINI, R. A psicanálise e a ordem pedagógica. In: *De um discurso sem palavras*. 1 ed.: Mercado das Letras, 2012.